O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/2006 - ANO X - Nº 113

EDITORIAL

A "Cidade Paisagem" comemora mais um aniversário. É com alegria, orgulho e sentimento cívico que celebramos esta data. Este pedaço do Brasil emoldurado pela Serra da Mantiqueira privilegia-nos com uma das mais deslumbrantes paisagens valeparaibanas. Não é bairrismo esta afirmação. Piquete é nosso espaço mítico-afetivo, herança de nossos antepassados; devemos exaltá-lo, lembrando-nos de que somos os responsáveis por sua preservação.

Anichado nos contrafortes da Serra, o município apresenta topografia irregular, o que lhe confere peculiaridades de rara beleza cênica. No entanto, essa diversidade de paisagens precisa ser preservada. São necessários união e esforços para a recuperação das encostas e matas ciliares desnudadas ao longo do tempo pela ocupação irregular.

A falta de visão, aliada ao desconhecimento de questões ambientais, trouxe graves problemas ao meio-ambiente. As diversas interferências na paisagem acabaram por alterar ecossistemas e sua dinâmica, implicando em perda da qualidade de vida para nós, piquetenses. Se no passado éramos ignorantes quanto às questões de meio ambiente, a farta disponibilidade de informações atual não mais admite agravos à natureza. O meio ambiente deve ser priorizado.

A região da Mantiqueira é ambientalmente estratégica, local onde se sobrepõem e se cruzam diferentes ecossistemas. O bioma Mata Atlântica, que cobre grande parte das encostas mantiqueiras, é um rico patrimônio a ser preservado a qualquer custo. Para que Piquete possa manter o cognome "Cidade Paisagem", é preciso um projeto que envolva todos os munícipes, visando à revegetação de nossas encostas, bem como das matas ciliares. Um olhar especial deve ser dado à questão do esgoto, lançado "in natura" em nossos corpos d'água. Observa-se que este problema precisa ser imediatamente equacionado; não pode mais ser protelado. Saneamento básico é um problema de saúde pública, de desenvolvimento urbano e, acima de tudo, de defesa do meio ambiente.

Ao comemorarmos os 115 anos de emancipação político-administrativa de Piquete, são muitos os votos de desenvolvimento e prosperidade. Nessa ocasião, devemos pensar numa campanha pelo "verde". Por ela a Cidade Paisagem anseia!

Foto Arquivo Pró-Memória

A importância da Mantiqueira levou o governo federal à criação da Área de Preservação Ambiental (APA) da Mantiqueira, em 1985. As ameaças a essa APA requerem atenção e denúncias, para que consigamos preservar o que ainda não foi destruído.

Acorda, Piquete!

Ao ensejo do 115º aniversário de emancipação político-administrativa de Piquete, nossos olhos voltam-se para a Serra da Mantiqueira, que corta o município, presenteando-nos com uma das mais belas paisagens valeparaibanas. Essa serra é uma das mais importantes cadeias montanhosas do leste sul-americano. Nela subsistem preciosos remanescentes de ecossistemas nativos de Mata Atlântica, uma das principais formações florestais dos trópicos, hoje restrita a apenas 5% de sua extensão original e seriamente ameaçada de extinção.

Eqüidistante das três maiores metrópoles brasileiras, a Mantiqueira é um "pulmão verde" e uma preciosa reserva paisagística da região sudeste, a mais populosa do Brasil e intensamente urbanizada. Grande parte da população dessa região depende de seus mananciais para o abastecimento de água. A Mata Atlântica que encobre suas encostas concorre, também, para a manutenção do equilíbrio climático, o controle de erosão e de enchentes.

O reconhecimento da importância desse maciço montanhoso levou o governo federal à criação da Área de Preservação Ambiental (APA) da Mantiqueira, em 1985. No entanto, apenas a transformação em área de proteção não é suficiente para se manter sua cobertura vegetal. É necessária uma vigilância constante por parte de nossas autoridades, bem como de toda população, para se preservá-la. Ao longo dos anos, a Mantiqueira sofreu ameaças constantes de práticas agropastoris e extrativistas arcaicas. Queimadas, desmatamentos, cultivo de encostas excessivamente íngremes e pastagens extensas, de baixa produtividade, são alguns exemplos de práticas tradicionais, herança da história de sua ocupação, que moldaram sua paisagem ao longo dos últimos dois séculos. Loteamentos clandestinos, abertura indiscriminada de estradas e parcelamento irregular de propriedades tradicionalmente agrícolas destacam-se entre os fatores que contribuem para a rápida descaracterização do patrimônio sócio-econômico e ambiental da região. As ameaças citadas, gravíssimas para uma APA, onde o que resta de patrimônio ambiental deve ser preservado com especial rigor, são também violações do Código Florestal. Ainda assim, a fiscalização é precária. Há muito a ser feito. Os caminhos trilhados até o momento mostram-nos que é imperioso mantermos essa luta, pois de seus resultados se fará a história da qual as próximas gerações participarão. Portanto, é preciso que fiquemos atentos e denunciemos junto às autoridades os agravos ao meio ambiente. Caso contrário, num futuro não muito distante, não teremos mais o que preservar.

Imagem - Memória

Foto arquivo Pro-Memória

O futebol consolidou-se na cidade, ganhando a adesão de moradores e do operariado da Fábrica. Famílias inteiras freqüentavam o Campo do Estrela, um dos mais bem instalados da região. Todo gramado, contava com um lance de arquibancadas coberto, que ficava sempre lotado, como nesta foto dos anos 20.

Piquete: do football ao futebol...

De quatro em quatro anos, o país se mobiliza para a Copa do Mundo de Futebol. O comércio, as indústrias, as escolas e as repartições públicas fecham suas portas, dispensando seus funcionários para que possam assistir aos jogos e torcer pela seleção brasileira.

O futebol é uma paixão nacional. Esse esporte chegou ao Brasil no final do século 19, trazido por Charles W. Miller, paulistano do Brás, quando de seu retorno da Inglaterra, em 1894, onde concluíra os estudos secundários. Na bagagem, trouxe a primeira bola de futebol a rolar nos campos brasileiros. Logo começou a catequizar seus companheiros da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da Ferrovia São Paulo Railway, fundando o primeiro clube de futebol do Brasil, o São Paulo Atlethic Club, que congregava os britânicos residentes em São Paulo.

Inicialmente, o futebol foi difundido apenas entre as elites, mas logo seria adotado com enorme entusiasmo pelos grupos populares que, com base em suas tradições rítmicas e lúdicas relacionadas à destreza do uso dos pés e movimentos do corpo e da cintura, construiriam sua própria versão do esporte britânico. Não demorou muito e o esporte foi-se tornando popular graças à sua simplicidade: bastam uma bola, equipes de jogadores e traves para que, em qualquer espaço, crianças e adultos possam se divertir. O futebol é jogado na rua, nas escolas, nos clubes, no campinho de terra-batida dos bairros ou até mesmo no quintal de casa; desde muito cedo, quando dão os primeiros passos, crianças de várias partes do mundo começam a praticá-lo.

Em piquete, o futebol chegou nos primeiros anos do século 20, mais especificamente em 14 dezembro de 1914, quando um grupo de jovens fundou, na Estação Ferroviária Rodrigues Alves, o Esporte Clube Estrela. Nossos primeiros esportistas jogavam num campo de várzea, próximo àquela Estação. Em seguida, deslocaram-se para um campo na Vila Eleotério. No entanto, pela grande adesão do operariado da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça ao novo esporte, o Clube ganhou um campo oficial às margens do Ribeirão Sertão, próximo à Estação Ferroviária Estrela do Norte, em área militar. O apoio da Fábrica concorreu para que o município, em pouco tempo, contasse com um dos mais bem instalados campos de futebol da região. Todo gramado, cercado por um bem cuidado bambuzal e um lance de arquibancadas coberto, que ficava lotado todas as vezes que o esquadrão estrelino se apresentava.

Poucos anos depois, em 1921, outro time foi fundado na cidade: o Piquete Futebol Club, sediado no bairro do Poço Fundo. Esse campo, ao contrário do outro, era um espaço de terra batida, sem arquibancadas; as pessoas assistiam aos jogos do barranco próximo. Logo o novo time formou uma animada torcida que se rivalizava com a do Estrela. Essa rivalidade durou longos anos. No entanto, era só o Estrela marcar um jogo contra algum time de fora, principalmente o Hepacaré, de Lorena, para que a rivalidade terminasse e todos passassem a torcer pelo time de Piquete.

Nas primeiras décadas da chegada do esporte bretão a Piquete, foram muitos os jogadores que se destacaram pela habilidade e arte no manuseio com a bola: Guilherme e Carlos Alberto Jansen, Adriano e Alcides Villar, Arthur e Mário de Lima, Henrique Mazziero, Mário Alves, Amélio Barbosa... Mais tarde, desponstaram Luiz de Barros, Pedro Celestino e muitos outros. O esporte consolidou-se na cidade, ganhando a adesão de moradores e do operariado da Fábrica. Famílias inteiras freqüentavam o Campo do Estrela. Toda Piquete orgulhava-se do esquadrão estrelino, que passou a ser visto como representante do município nos esportes. Sua torcida lotava o estádio.

Se no início do futebol no Brasil ele era considerado um esporte elitista, em pouco tempo massificou-se, como observado em Piquete, onde ganhou a adesão do operariado e de toda a população. A paixão pela bola fez com que o futebol refletisse a própria nacionalidade. O Brasil tornou-se o país do futebol.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

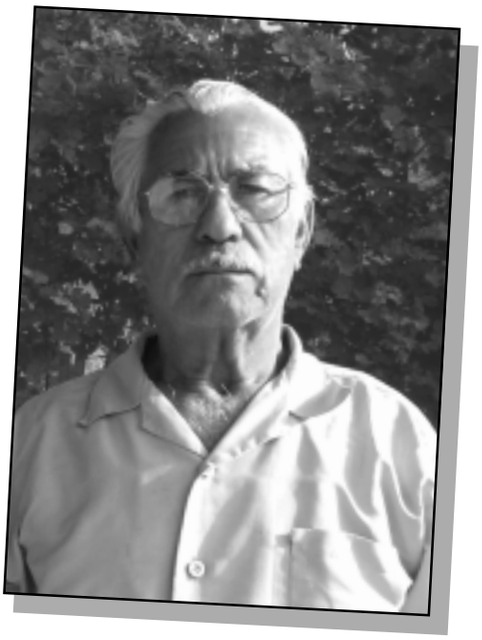
Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Caetano dos Santos

Neste mês de junho, quando comemoramos os 115 anos de emancipação político-administrativo de Piquete, o Estafeta homenageia Caetano dos Santos, antigo funcionário público municipal que, por mais de 50 anos, contribuiu com seu trabalho para o crescimento e desenvolvimento de nossa cidade.



Nascido em Piranguinho, MG, a 12 de outubro de 1933, é um dos oito filhos do casal Antônio Custódio dos Santos e Benedita Ângela de Jesus. Aos 12 anos de idade, mudou-se sozinho para Piquete. A família viria anos mais tarde. Aqui morou na casa de sua prima, que o matriculou num curso noturno no Grupo Antônio João, onde foi aluno da professora Rita Andrade Câmara. Com 13 anos, empregou-se numa indústria de plástico, a Sulfoquímica, mas, por ser menor de idade, foi dispensado. Nessa época, a FPV desenvolvia um amplo projeto de expansão na área de construção civil: construía vilas operárias e clubes sociais. Assim, começou a trabalhar como servente de pedreiro na construção do Elefante Branco. A obra havia sido empreitada pelo Mestre Geraldo Cocó e era supervisionada pelo Major Castelo. Caetano trabalhou desde a abertura dos alicerces até a inauguração da obra, em 1952. Com o término dos trabalhos, foi contratado para trabalhar na Prefeitura durante a administração de Geraldo Alves. A partir de então foram mais de cinco décadas de dedicação e trabalho em prol do município. Recorda-se que Piquete sempre foi pobre e que, com parcos recursos, o prefeito pouco podia fazer para atender aos anseios da população. Quase não havia repasse de verbas e, sem arrecadação satisfatória, era impossível fazer a cidade crescer. As ruas de Piquete eram irregulares, sem calçamento. A população sofria crônico problema de abastecimento de água. A FPV era quem ajudava a administração municipal; sem ela, nada teria sido feito: a energia elétrica, da REPI, bem como os postes de ferro e a água fornecida à cidade vinham do seu excedente.

Caetano conta-nos que, quando iniciou na Prefeitura, a Fábrica cedeu o funcionário Dogmar da Costa Ribeiro, que exercia as funções de topógrafo e desenhista, para traçar o arruamento da cidade. Ele já vinha, havia algum tempo, exercendo essa tarefa. Assim, Caetano aprendeu com ele os ofícios de arruamento e nivelamento e foi a partir dessa época que a cidade foi-se urbanizando e tomando outros ares. Reconhece que os primeiros prefeitos com quem trabalhou tiveram muita dificuldade para administrar o município devido à falta de recursos, e que somente a partir dos anos 60 é que houve mudanças, com o a melhora do apoio dos governos estadual e federal.

Durante a administração do Sr. Luiz Veira Soares, Caetano foi nomeado Encarregado de Obras e, mais tarde, com José Armando de Castro Ferreira, tornou-se Chefe Geral, responsável pelas obras da cidade. Para cada administrador do município com quem trabalhou, Caetano aponta alguma obra de valor significativo e diz que, se outras não foram feitas, foi devido a circunstâncias políticas e dificuldades financeiras.

Considera que a maior obra realizada no município foi durante o segundo mandato de Geraldo Alves, quando um grande empréstimo feito por Getúlio Vargas permitiu que um projeto para abastecimento de água fosse executado. A obra, empreitada por Hildebrando, constou de uma Caixa D´água, mais a represa da Tabuleta e todo o encanamento entre os dois pontos e a distribuição. Nessa ocasião, Caetano trabalhou sob supervisão de Armado de Castro Ferreira, considerado o melhor encanador da época. Outra grande obra do município foi a ligação da luz elétrica.

Hoje, aposentado, mora no bairro do Itabaquara, onde desfruta da paisagem e da tranqüilidade do local em companhia de sua esposa, Margarida Silva Santos, com quem está casado há desde 1952, união que lhe deu quatro filhos.

Caetano (dir) e o ex-prefeito José Armando de C. Ferreira, de quem foi Chefe Geral de Obras

Avaliar

eterno dilema na vida de professores e alunos

Philippe Perrenoud, sociólogo suíço da educação, tem afirmado nas suas palestras que “mudar a avaliação é mudar a escola”. O que será que ele quer dizer com isso? Pensemos juntos: pode existir um professor que avalie bem e ensine mal? Hoje, já se sabe que o modelo de avaliação reflete o modelo de ensino. Quando nos deparamos, por exemplo, com algumas questões de provas, isso fica evidente.

Recentemente, num curso de formação de professores – graduação –, pude examinar a prova aplicada em uma das turmas. Chamou-me a atenção a questão discursiva que era proposta a partir da leitura de um texto. Os alunos deveriam responder à seguinte questão: *O texto [...].descreve uma prática pedagógica. Agora responda: Como Wallon, Piaget e Vygostky trabalhariam na situação descrita? Justifique conceitualmente.* Li e analisei muitas tentativas de respostas, mas uma em especial prendeu minha atenção. O aluno assim respondeu: *Eles não trabalhariam, pois Wallon, Piaget e Vygostky não atuaram como professores – pelo menos do ensino fundamental – nem no tempo em que viveram; imagine se atuariam agora. Eles não tinham formação para tal, ou para ser professor não precisa de formação profissional específica? Além disso, pelo menos até onde eu sei, seus estudos teóricos não ensinavam como o professor deveria dar aula.*

Os resultados dessa prova não foram nada bons para os alunos, pois muitos não deram conta de responder a questão. Pode-se, então, questionar: Será que o mau resultado da avaliação deve-se apenas ao fato dos alunos não terem estudado o suficiente ou o mau desempenho pode estar relacionado com a forma como são elaboradas as questões das provas? Seria o caso de abolirmos as “famigeradas provas” para não vermos mais os alunos se saírem mal? Ou melhor, deveríamos elaborar provas com questões óbvias que todos acertassem? Ou, talvez, pudéssemos rever a maneira como elaboramos nossas avaliações, sem eliminá-las e sem “facilitar” demais?

O exemplo apresentado nos mostra que um problema bastante comum em avaliação é a falta de uma relação clara entre as questões propostas e os objetivos anunciados no plano de ensino. É também comum o descuido com a linguagem que, às vezes, não é clara e produz enunciados dúbios ou até passíveis de diferentes interpretações.

Assim, é preciso que a elaboração da questão seja clara. O aluno precisa saber o que será avaliado. Ao construir provas ou outros instrumentos de avaliação, o professor precisa determinar com clareza e precisão o objetivo da proposta, verificar se o conteúdo cobrado é importante e relevante. Um instrumento de avaliação, seja ele prova ou outro qualquer, quando bem elaborado, estimula e privilegia o bom aluno. Ao concluir, ele tem condições de avaliar o quanto aprendeu.

Para finalizar essa reflexão, proponho-lhe um desafio: “Justifique conceitualmente” tudo o que você leu neste texto. Bom trabalho! Mas se você tiver dificuldade, fique tranqüilo. Afinal, eu não saberia que critérios adotar para avaliar sua resposta.

Laura Cristina Chaves

Nos velhos tempos da Matriz

Sacristão. Havia o sacristão e o fabriqueiro. O sacristão, para administrar a guarda dos objetos sacros na sacristia, os papéis e as alfaias. Era o "seu" Joaquim, sacristão. O fabriqueiro, "seu" Zé Vieira, a cuidar da administração. Tempos remotos na Matriz de São Miguel, na igreja fundadora de duas torres, dois sinos e um relógio Michelini, na pontualidade exigida. Ao fabriqueiro, "seu" Zé Vieira, sucedeu o "seu" Zequinha Meireles. Ao fabriqueiro cabia a manutenção da igreja, a guarda das economias, a estipulação das espórtulas, o pagamento das contas, as compras e o reabastecimento dos elementos necessários à manutenção do templo e de seu funcionamento. Para exercer essas duas funções básicas exigia-se integridade e honestidade, pilares da confiabilidade. As designações exigiam beneplácito episcopal na sede da diocese e eram divulgadas ao público para efeito de notificação. Funcionários da igreja eram os intermediários entre os fiéis e os vigários e padres. Faziam cumprir as ordens, sabiam-se dotados de autoridade. Os coroinhas e seus amigos, vigiados, tinham de saber se comportar. Tudo era relatado ao padre, aos pais, às catequistas e às zeladoras das irmandades. E esses, mutuamente se vigiavam. Do sacristão, e do fabriqueiro, as famílias, exemplares, expandiam as missões de seus chefes. Participavam dos atos de incumbência na manutenção da limpeza, no arranjo dos gavetões das cômodas e armários das vestimentas dos padres e das alfaias, de acordo com a sequência recomendada pela liturgia e celebrações. Dos guardados rescendia a limpeza e a boa conservação. A água sempre limpa para o jarro e a moringa. Nada empoeirado. Tudo em perfeita ordem para o uso. No aviso das solenidades ou dos horários de cultos de praxe e anúncio dado pelos sinos, tocados à hora certa. Sem falhar. Nos dobres dos finados, o sentimento cadenciado a ganhar espaços. Na medida certa. "Seu" Joaquim, o sacristão era também o sineiro. Desincumbia-se muito bem de sua missão. Na simplicidade que lhe era própria, "seu" Joaquim sacristão era um homem de origem rústica, mostrando-se sempre de maneira simples que o identificava nas roupas sempre limpas e nos gestos comedidos. Estava sempre ao lado da esposa, uma senhora de rosto bonito, cabelos pretos sempre presos, de expressão austera, mas meiga nas palavras aos amigos. Moravam numa casa simples que é conservada até hoje, com algumas modificações, pela neta.

Nunca vi "seu" Joaquim Sacristão e família em festas que não fossem as da Igreja. Jamais nos bailes, nem no cinema. Nem Terezinha, filha dele, a doce jovem de cabelos trançados e roupas singelas. Maria Tereza, a Maria Trancinha, na infância e adolescência tinha estampada no rosto a austeridade dos pais. Os olhos negros eram belos, reluzindo na pele muito clara da menina resguardada no recesso do lar. Desacompanhada, somente na ida ao grupo escolar.

A família composta pelos pais Joaquim Lemos da Silva e Maria das Dores Silva sabia preservar os bons costumes na educação de Maria Tereza. Por sua vez, os fabriqueiros sabiam-se dotados de papel decisivo na direção dos negócios da Igreja. Eles e as esposas, imbuídos da importância e significado de suas funções, colaboravam para o bom andamento das cerimônias, das mais simples do dia-a-dia às mais complexas das solenidades festivas ou das consagradas a cultos especiais.

O polimento dos metais, o alvejamento das toalhas, a beleza das rendas e crochês bem conservados, a medida certa do incenso, a conservação dos santos óleos faziam parte de suas preocupações e delas se desincumbiam com maestria. "Seu" Zé Vieira fazia velas com cera de parafina e as modelava segundo as regras do culto. A garantia do lugar sagrado era primordial importância a que as famílias do sacristão e do fabriqueiro se dedicavam com pertinácia.

Dedicação total à Igreja as individualizava na sociedade e sua representação nesse papel social era focalizada emblematicamente.

O tempo passou e essa memória foi-se apagando na substituição por outros funcionários, protagonistas de outro tempo.

Na hierarquia, o sacristão prestava direta obediência ao fabriqueiro e ao vigário paroquial, numa ordem estabelecida com rigor e aceita com humildade.

Terceiras e quartas gerações dessas ilustres pessoas que bem marcaram seu tempo sobrariam no tempo de memória de uma outra história, cujo sentido não é o dos heróis, mas das criaturas muito simples, cheias de fé e crentes em um pródigo reino dos céus, com pouco consumo e nenhuma ostentação. Tempo passado.

Tempo de uma vida mais vagarosa, pontuada dos eventos religiosos, cadenciada pelos sinos em júbilo ou em "choro" na despedida de um cristão. Sinos das alvoradas da Ressurreição ou das visitas missionárias, das missas no início dos dias, dos crepúsculos nas procissões, da alegria das aleluias e glórias, da chegada de uma visita pastoral, das eleições de novos papas... Hoje reduzido a um metálico ruído que nada tem dessa lembrança, pois os sinos, separados que foram, nada mais têm do que sempre representaram. Um estalido pobre os representa hoje.

Da maestria do sacristão "seu" Joaquim e do fabriqueiro "seu" Zé Vieira ficou um atestado que a história das coisas simples registra. Não a homenageante dos que, como grande feito, deslocaram o papel da matriz para outra igreja e fizeram relegar ao esquecimento aquela, que, como marca na paisagem, desenha nas torres e no corpo o "locus" (o lugar) da origem. Perfeitamente harmônica com seu entorno e para sempre simbólica.

Dóli de Castro Ferreira

A Fundação Christiano Rosa parabeniza os poderes constituídos e toda a população de Piquete pela passagem do 115º aniversário de emancipação político-administrativa do município.

Memorial da FPV

Grupo de trabalho

A Fundação Christiano Rosa (FCR) está participando ativamente do projeto de criação do Memorial da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, que será instalado no prédio restaurado da antiga Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves. O projeto está sendo coordenado pelo Vice-Presidente em exercício da IMBEL, gen. Álvaro Henrique Vianna de Moraes, e, além da FCR, conta com cel.Wanderley Sardinha, participantes da IMBEL, da Diretoria de Assuntos Culturais (DAC) do Exército e da FPV

No dia 9 de junho, aconteceu, na "Casa 1", sede da diretoria da IMBEL em Piquete, a segunda reunião do grupo, na qual foram estabelecidas as responsabilidades de cada membro. A FCR deverá disponibilizar fotos de seu arquivo, que irão contar, cronologicamente, a história da instalação da Fábrica em Piquete.

Após a reunião, a museóloga Ana Maria de Oliveira Miranda, da DAC, o Cel. Antônio Ferreira Sobrinho, assessor da DAC, e a Aspirante Carla Capelletti, Arquiteta da DAC, puderam verificar uma apresentação elaborada pela FCR com parte do seu acervo e tiveram idéia da sua qualidade e volume.

O projeto de revitalização da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves visa, entre outros, a melhor resgatar e divulgar a história da Fábrica de Pólvoras para o município de Piquete e para a região, buscando reforçar a importância que tiveram os funcionários ao longo dos anos. Não deixa de ser, também, o início dos preparativos para as comemorações dos 100 anos da inauguração da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça, que acontecerá em 15 de março de 2009.

Sempre preocupada com o resgate e a recuperação da história de nosso município, a FCR sente-se orgulhosa de poder colaborar em tão importante projeto.

Nota da Cidade

☑ ***Projeto "Comitê das Águas"***

Nos dias 24 e 25 de junho e 01 e 02 de julho estará acontecendo mais uma etapa do projeto "*Comitês das Águas: suporte operacional para encontros técnicos e capacitação de agentes em elaboração de projetos*", coordenado pela FCR e fnanciado pelo FEHIDRO por meio do BANESPA.

Já contando com diversos inscritos, acontecerá em Piquete o curso "Capacitação de Agentes Multiplicadores".

☑ ***Wanderley Sardinha lança novo livro***

O Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa" sediou, na noite de 16 de junho, o lançamento do novo livro do piquetense Wanderley Gomes Sardinha, "Memórias Piqutenses".

O salão do Espaço Cultural ficou repleto com os convidados que compareceram ao lançamento do livro, que tem prefácio de Jorge da Rocha Santos, e apresentação de Myrthes Mazza Masiero.

☑ ***Caneta emancipatória***

A caneta com que foi assinada a ata da emancipação político-administrativa de Piquete, em 15 de junho de 1891, foi entregue oficialmente à Câmara Municipal de Piquete. Essa caneta passou pela guarda de ilustres cidadãos piquetenses até chegar ao ex-prefeito Luiz Carlos Beraldo Leite, que manifestou desejo de que ficasse sob a guarda do Legislativo piquetense. A caneta foi entregue ao Presidente da Câmara, ver. Hugo Ricardo Soares, por José Sílvio Beraldo Leite, irmão do ex-prefeito. Dessa forma, por iniciativa do vereador Hugo Ricardo Soares, Presidente da Câmara, a histórica caneta ficará, a partir de agora, sob a proteção daquela Casa de Leis.

☑ ***FCR na Semana de Meio Ambiente***

A FCR, por meio de sua Presidente do Conselho Curador, a arquiteta e urbanista Ana Maria de Gouvêa, participou da Semana de Meio Ambiente, em São José dos Campos, com uma palestra sobre "Projetos para Captação de Recursos Financeiros na Área Ambiental". A palestra foi proferia no dia 8 de junho, na "Casa do Café", no Parque da Cidade.

A Semana foi promovida pelo Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS), a Universidade de Taubaté (UNITAU) e o Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO)

Fotos Arquivo Pró-Memória

☑ ***Projeto Benfica-Tabuleta***

Continuam os trabalhos do projeto "*Revegetação de Áreas Riberinhas das MBH do Tabuleta e Benfica – Piquete/SP*", também coordenado pela FCR e fnanciado pelo FEHIDRO por meio do BANESPA.

Após as etapas iniciais, o projeto está na fase de acompanhamento do crescimento das mudas. Durante o mês de maio, estiveram em Piquete os biólogos Dalton e Diana Valeriano, que participaram como consultores da FCR no projeto. Diana visitou a área plantada (foto abaixo), a fim de verificar a situação em que se encontram as mudas, e aproveitou para passar importantes informações ao responsável pela manutenção da área, Kiko Ribeiro.

☑ ***Reunião em Guaratinguetá***

A Fundação Christiano Rosa, representada por Antônio Carlos Monteiro Chaves e Ana Maria de Gouvêa, respectivamente Diretor Executivo e Presidente do Conselho Curador, participaram do Curso de "Capacitação e Avaliação em Recuperação de Áreas Degredadas (RAD): com ênfase em matas ciliares no interior paulista", realizado em Guaratinguetá, nos dias 7, 8 e 9 de junho. O evento contou com a participação da bióloga Diana Valeriano, que apresentou sua experiência ná área e nos trabalhos da Fundação Christiano Rosa nessa área.

☑ ***Regional Reluzente***

A FCR registra o recebimento da edição nº 1, de julho de 2006, do informativo Regional Reluzente, órgão da Associação dos subtenentes e sargentos da Polícia Militar do Estado de São Paulo - Regional 14ª de Lorena

☑ ***Procissão de Corpus Christi***

A população católica piquetense, numa manifestação de fé, compareceu em peso à procissão de Corpus Christi, na quinta-feira, 15 de junho (foto abaixo).

Crônicas Pitorescas

Grilos...

Palmyro Masiero

Umas cinco horas da tarde. A rua corn tráfego intenso em ambos os sentidos apresentava-se à minha frente. Da janela assistia ao vaivém de carros, ônibus, caminhões, motocas, dando a impressão de batalharem entre si, numa coreografia insólita principalmente pela não uniformização. O barulho era variado, inconstante, irritadiço... Início do "rush".

Nessa barafunda toda de movimentos e sons sabem o que me chamava a atenção? Pois, imaginem! Um pardal no meio do asfalto tentando jantar um grilo! Convenci-me ser grilo devido ao fato de pertencer à ordem dos saltatórios e aquele, do qual vamos falar, pulava mais que a galera corintiana ante um gol do timão.

A ação simples era esta: o pássaro dava uma bicada e o inseto pulava fora. Tal acontecimento, entretanto, não atraíria maior atenção se processado em outro ambiente, outro cenário. Ali, era digno de nota. O pardal, conhecidíssimo, é macaco velho de asfalto, mas, mesmo assim, apesar de toda sua malandragem citadina, necessitava ter olhos para não perder o grilo de vista e se safar dos carros que lhe vinham em cima. Dava uma bicada, o inseto pulava e, imediatamente, parecendo um helicóptero, a ave alçava vôo quase vertical, driblando o veículo que vinha lascado. Descia logo em seguida, mais uma bicada, mais um pulo do grilo e mais um vôo rápido para cima. Isso tudo variando de mão, ou seja, ora na pista dos carros que subiam, ora na dos que desciam.

Já o coitadinho do grilo – para quem eu estava torcendo – preocupava-me. Sentia que estava ele irremediavelmente condenado. Sua atenção devia estar voltada totalmente contra o iminente perigo que representava o pássaro que estava querendo papá-lo, ignorando um outro do mesmo naipe ou pior. Nos seus pulos cegos, no meio da rua, a qualquer momento poderia ser esmagado pelas rodas dos carros. Isto, logicamente, não deveria interessar a ele, e, creio eu, muito menos ao pardal, que não poderia refestelar-se com o que sobrasse do coitado laminado remendando o asfalto diante daquele movimento desenfreado. Até ali tivera sorte. Mas também, que diabos, o que tinha aquele grilo em vir grilar no centro da cidade? Se veio atrás de aventuras, danou-se; se se perdeu, perdido estava. Só posso dizer que o nosso grilinho encontrava-se, verdadeiramente, naquela situação do "se ficar, o bicho come; se correr, o bicho pega".

Após muitas bicadas e fugidas em arranco, o pardal deve ter mutilado o grilo que já não pulava mais tão alto. Por fim, o pardal prendeu o grilo pelo bico e se mandou para urn telhado. Faustosa ceia depois de tanto sacrifício e arrojo.

Um drama de vida e morte no asfalto! Há, todavia, uma lógica natural para isso. Pássaros comem insetos para sobreviver. Uma luta de morte, sem dúvidas, mas isenta de ódio. Dentro da irracionalidade, apenas o ciclo natural para continuar existir...

Triste são os racionais degladiarem-se no asfalto simplesmente pela falência do amor!

Convite

Lançamento do livro "Operação Marins"

de Rodrigo Nunes

Dia 15 de julho de 2006
A partir das 19h

Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa"

Piquete/SP

O recruta e o coronel

Edival da Silva Castro

Severiano Valentim completou dezoito anos e foi servir ao quartel.

Rapaz vistoso, forte e alto. Por onde passava, conquistava as meninotas. Namorador por excelência.

No quartel, não deu outra: logo conseguiu com sua lábia e porte físico encantar a filha do coronel.

Certo dia, estava de sentinela das armas quando a moça chegou. Conversavam animadamente quando o coronel apontou lá na esquina;

– Ei! O Coronel vem lá, disse o recruta.

– Valentim, fique na sua, meu pai é gente boa!

O coronel passou cadenciado. Valentim, após prestar os deveres de milico, preocupado dirigiu-se à namorada?

– É melhor você ir. Estou de serviço e não pega bem a gente conversar aqui, justamente no portão das armas.

A moça saiu.

Depois disso, Valentim nunca mais a viu.

Não sabe se foi o pai que a proibiu de vê-lo ou se ela que não quis mais saber dele.

Valentim deu baixa e foi viver sua vida de paisano.

Vida difícil. Vai dali, vem daqui, especializou-se como cabeleireiro. Abriu na sua terra, litoral da Bahia, um salão de beleza de primeira linha.

Certo dia, caía a noitinha quando um senhor de bermuda , chinelo e camisa jogada no ombro adentrou o salão.

Valentim atendeu-o prontamente.

– Pois não, senhor!

– Quero fazer barba e cabelo.

– Pois não, por favor, senta-se aqui.

Valentim cortava os cabelos do homem, porém sempre de olho no espelho, olhando para ele.

De repente, começou a pensar: parece que conheço esse senhor não sei de onde.

E colocou sua mente pra funcionar: claro que me lembro! Ele é o coronel que deu sumiço na filha!

Valentim ficou na dele.

Terminou o cabelo e passou a preparar-se para fazer a barba do cidadão. Espumou o recipiente de louça e, consequentemente, o rosto do freguês.

Afiando a navalha, dirigiu-se ao coronel:

– Eu conheço o senhor de que lugar?

O coronel, acomodado na cadeira, levantou o rosto espumado e respondeu?

– Não sei não! Não me recordo de você de lugar nenhum!

– Por acaso o senhor não é o coronel Felisberto?

– É! Sou eu mesmo!

– Sabe, coronel, sempre quis lhe fazer esta pergunta: – Por que os coronéis nunca deixam recrutas namorar suas filhas?

Através do espelho, o homem olhava para o vaivém da navalha sendo afiada, olhava para os olhos do barbeiro. Cismado, medroso e com a voz embargada, respondeu:

– Eles nunca pedem para namorar a filha de um coronel! (...)

"Onde estava Deus?"

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

A indignação está clara no título deste texto. Poderia ser creditada a um ateu, a um revoltado... É a primeira idéia que nos vem à mente. No entanto, foi expressa pelo papa Bento XVI, conforme registrado em reportagem da revista "Veja", edição 1959, ano 39, nº 22, de 7-06-06. A matéria é concluída questionando se o papa teria vacilado em sua fé.

O que levaria um papa a tamanha indignação? A resposta é simples: a maldade, a monstruosidade do ser humano. "Por que, Deus, o senhor permaneceu em silêncio? Como pode tolerar tudo isso? Onde estava Deus naqueles dias? Como pôde ele permitir esse massacre sem fim, esse triunfo do mal?" Foram essas as indagações de Bento XVI ao visitar Auschwitz, antigo campo de concentração nazista, onde morreu 1,5 milhão de pessoas, judeus em sua maior parte.

Diversas considerações foram apresentadas ao longo da matéria sobre o paradoxo entre a onipotência de um Deus bondoso e a existência de males que assombraram e assombram a humanidade. A nós, simples mortais, basta-nos uma simples constatação: a falta de amor entre os homens é a única causa; a arrogância, o egoísmo, a prepotência, a luta pelo poder são complementos desse mal maior. O extremo exemplo de Auschwitz pode ser encontrado em menor escala em nossas cidades, na violência contra a vida e no descaso com os menos favorecidos. Isso sem levar em consideração o descaramento de nossos políticos.

Uma declaração como a do papa Bento XVI é o sinal de que precisamos rever nossos conceitos de amor e de solidariedade. Não devemos esperar mais por monstruosidades como a de Auschwitz para nos indignar. Um ser humano assassinado, um cidadão sem escola, sem médicos, sem direito à vida... Isso tudo deveria ser motivo não de questionarmos a existência de Deus, mas sim de avaliarmos o que estamos fazendo para que nossa conduta seja condizente com seus ensinamentos. Pois, quanto mais próximos deles estivermos, mais distantes estaremos de futuros "Auschwitz".

Mantenham a mente aberta, assim como a capacidade de se preocupar com a humanidade e a consciência de fazer parte dela"

Dalai-Lama

Notas de um Diário – A mensagem do Amor

"Todo mundo neste mundo é mensageiro." – João Guimarães Rosa

"E como são belos os pés do mensageiros que anuncia a paz!"
Canto introdutório dos Evangelhos

6° Domingo após a Páscoa. Traz, pelos Evangelhos e as palavras sagradas, o tema do amor – traduzido do coração, pelo qual Cristo, ao saudar seus Apóstolos, invoca a força do reconhecimento em si e nos outros.

Trata-se do Domingo que celebra o amor.

As sagradas leituras se iniciam com a Carta de São João sobre o amor de Deus e o do próximo, sem discriminação. Amor que é compartilhado com Deus, porque d´Ele emana, admitido como Aquele o qual, mais do que nós conseguimos amar, nos ama. Pois nos concedeu a maior prova desse amor, dando-nos seu Filho como Salvador, e, portanto, o seu Espírito, para que testemunhemos ter Deus habitado em nós, em seu amor perfeito.

Reprodução

João Guimarães Rosa

Pois bem. A partir daí, a importância da máxima significação – "Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei". O que o próprio João comprova no Evangelho do dia, com ênfase. Jo: 15, 9-17.

Questionando os fiéis na missa dominical, nosso vigário, padre Severino Cícero Ferreira, perguntava qual a importância do ato da comunhão, respondida a questão por várias pessoas. Se ele me perguntasse diretamente, como o fez para alguns, diria: É o ato de ter o amor consagrado e irradiado no coração, sede do amor, como quer Deus, o qual nos ama irrestritamente e mais do que podemos amá-lo em nossas limitações.

Por tudo isso, ler, nesse dia, a obra de Luiz Antônio de Freitas Dantas – "Corações Amigos"– foi um ato de amor e de representação do que o amor faz expandir. Eis um livro saboroso de ser lido.

Logo de início, Luiz Antônio nos prende ao livro e nos convida à leitura. Vejam que introdução convincente: "Esta estória corria de boca em boca ao longo do rio Manso nas montanhas azuladas da vilazinha de Serena. Todos os bichos a conheciam e falava-se que era o vento que a contava. Era assim...". Irresistível a continuação, e aí a narrativa se estende, gostosa de ler. A leitura fácil como uma conversa entre amigos. Conversa para animar os arquétipos e reviver os ancestrais reunidos ao pé-do-fogo nos encontros amigos. No tempo em que os bichos falavam e os humanos estavam dispostos a ouvi-los. Luiz Antônio Dantas soube "humanizar" os bichos protagonistas numa história de amor e afetividades assumidas em suas memórias.

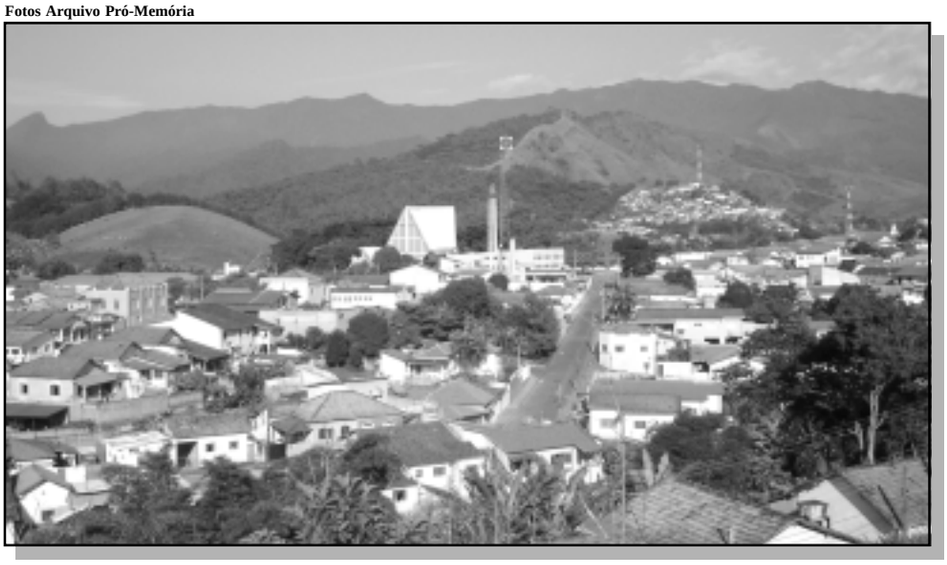
História de vida num tecido cujos nós de amarração formam uma teia onde a sabedoria é o motivo do desenho e seu significado. Dantas é das poucas pessoas que sabem entender a voz do vento e nela fazer fluir sua narrativa. E o vento sempre presente, pontuando a fabulação, animando as partes e inventariando os acontecimentos para, em conclusão, ser atribuído como responsável pelo raconto. Motivado na referência do que ocorre, porque a vida tem de sempre continuar, renovada e retomada nos calendários fugazes, porém firme nos seus destinos, e mantida, apesar de tudo, nas suas lições. Pois se tudo continua, e tem de continuar, "é o bom vento que traz tudo isso espalhando as folhas soltas pelo rio", diz Dantas.

Lembrei-me, lendo o belo "Corações Amigos", dos escritos, aparentemente tão simples, de João Guimarães Rosa, sobre o "seu povo mineiro", nas rodas das fogueiras a contar "causos" e onde a vida tece enredos que o narrador transpôs para os livros recendendo os guardados do tempo, mas não esmorecidos. Por isso tudo, talvez seja importante lembrar que em maio de 2006 comemoramos os 50 anos da obra-prima de Rosa: **Grande Sertão: Veredas,** acompanhada de outros tantos relatos, nos quais nos identificamos como partes de uma cultura reconhecida pelo seu sentido e significação. Leiam "Corações Amigos" e cultivem, como Dantas e João Rosa, o sabor do amor.

(Nas rodas das fogueiras, era assim chamado o autor – João Rosa – enquanto que nas citações literárias é mais conhecido como Guimarães Rosa.)

Dóli de Castro Ferreira

Fotos Arquivo Pró-Memória



Piquete a Sudoeste

Se estes versos merecem valor,
não são do poeta a obra perfeita,
mas flores e frutos da terra do amor
legados por Deus para a nossa colheita!

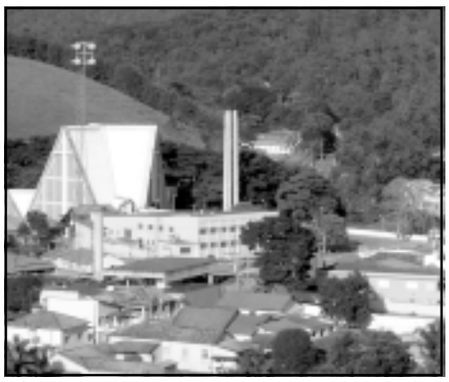
(de "Um canto à Cidade Paisagem")

Chega às Montanhas Piquetenses um dos Peregrinos da "Ordem dos Andarilhos do Bem" ("II Bene Andanti"). Fascinado, o Viandante de outros Mares e Continentes descortina o Vale do Paraíba. Encanta-se diante de um horizonte como nunca vira igual. Embevecido, vislumbra a vasta planície que se destaca da Mantiqueira à Serra do Mar. E, ao fundo, além, as modestas colinas e vargens por onde serpenteia o Rio Milenar denominando a Região Paraibana. A partir da Serra, a visão não alcança distintamente o Velho Rio, cujas águas lentas seguem, como se indiferentes à História do Vale e às lendas ao longo de suas margens. Nos trechos próximos às cidades antigas perduram as memórias de heróicas expedições paulistas. Eram os Bandeirantes, em demanda da Mantiqueira, à busca do ouro, além do Marins, na direção das Minas Gerais; noutras curvas e recantos do Paraíba, na oralidade mística dos pescadores, ainda se ouvem os cantos caipiras; são enredos folclóricos, nos quais sobrevivem os temores atávicos ao Saci Pererê, Corpo Seco ou à Caipora, Iara e Mula-sem-Cabeça; enquanto isso, num remanso das águas, à margem de colinas pedregosas, formam-se leves redemoinhos no local de onde veio a Padroeira...

Ainda a partir do Pico do Marins, o Viageiro domora o olhar sobre esparsas capoeiras e bosques diminutos a distância. Tristemente, não vê mais que os últimos vestígios de antigas matas, nas fraldas e subidas ao longo da Serra. Mais distante, a Sudoeste de Piquete, destacam-se pequenas grotas e vales estreitos. Tudo a perder de vista, depois do Morro do Cruzeiro e além do Rio do Ronco. Então, bem pra lá da Vargem Grande, prevalecem terrenos quase desnudos de árvores ou arvoredos, onde, outrora, predominavam matas, índios e ribeiros barulhentos; depois, muito depois, veio o ciclo dos cafezais e das grandes fazendas... até que tudo se exauriu melancolicamente!

E o estrangeiro peregrino, finalmente, desce a Mantiqueira e percorre a Cidade Paisagem, comovido, sente-se intruso de um Presépio da Natureza. Cenário magnífico que marca este recôndito entre montanhas e colinas como as da Natividade: tudo como um dia já percebeu e registrou em livro memorável o historiador-amigo José Geraldo Evangelista (Prof. Zito). E tanto o Cronista Emérito dos "Eventos Lorenenses do Séc. XIX", como o "Peregrino do Bem" – já com destino a outras paragens – certamente terão sido mais felizes que o aprendiz de poeta, cujos versos nem sempre dizem quanto desejaria...

Nelo Pelegrine



Caipiras, graças a Deus

Abigayl lea da Silva

Têmpera, um vocábulo para traduzir a vida do paulista do interior.

Na agricultura e na pecuária, tirando da terra e aprendendo com ela, o caipira, "homem do campo", "gente da roça", foi mudando a paisagem do estado com semente e suor. E lágrimas. Que a roça às vezes se cala, nega resposta.

Homem de tino e descortino, o caipira quer entender o motivo do silêncio ou do xingamento da natureza. Vai atrás da mãe ciência.

Em 1887, nasce o Instituto Agroeconômico de Campinas e, em 1901, a Escola Superior de Agronomia de Piracicaba.

Ao caboclo, amálgama ibero-indígena, vão-se juntando outras forças: africanos, italianos, japoneses, trazendo sua arte de bem viver e suas técnicas. Para completar a onda de mãos calejadas, os temidos guerreiros batavos invadiram o estado armados com flores.

Duas marcas distinguem a gente da roça: o "r" retroflexo, "r" da produção agropecuária, e a viola de dez cordas, seja a grande ou a pequena, catireira.

Como disse o violeiro de Minas, Renato Andrade, "caipira ouve a viola de beiço caído". Boquiaberto. Hipnotizado. Quando um caipira tempera sua viola e sua "arte sapateia as cordas", como canta o nosso Renato, o Teixeira, o sangue do homem e o sangue da terra fluem vigorosos na ânsia de trabalho e de colheita.

A nação caipira foi construída com muita dedicação ao trabalho e ao estudo.

O cheiro de dinheiro acorda as narinas poderosas daqueles que desconhecem os vários perfumes dos ciclos da natureza. De Tremembé a Presidente Bernardes, o solo sagrado, abençoado pela faina de sol a sol e acalentado pelos gemidos da viola, ouve somente nomes de bandidos.

Um minuto de silêncio nas lavouras, nos currais, nas usinas e nos institutos de pesquisa.

Caipiras paulistas, quem sabe expulsar as pragas da lavoura não pode aceitar a convivência com as pragas que, infelizmente, muitos seres humanos agregam a sua personalidade.

Queremos continuar sendo gente da roça: lavradores, peões e violeiros.